

PIM-PAM-PUM!

DIRECTOR
AUGUSTO DE SANTA-RITA

ANO XIV
N.º 679

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL
LO SECULO
AN. 1939

O FASTIO da SAÚDE

por VIRGINIA LOPES de MENDONÇA

A história que lhes vou contar é verdadeira, sucedida aqui, em Lisboa, em casa duns senhores e duns meninos que eu conheço.

O «Sultão», o protagonista do caso, é meu amigo, o que me dá grande honra.

É um canzarrão da Serra da Estrela, temível pelo seu tamanho e bravura, mas manso qual cordeirinho, para agradar à Izabel, ao Chico e ao Zézinho, os pequenos da casa, onde ele vive e que o adoram.

Acompanha-os sempre, nos seus passeios, e todas as manhãs sai sózinho, com um cesto na boca, a caminho do talho.

Ali, enchem-no de carne e ossos para o seu caldo e esta proeza torna-o afamado no sítio.

Ora, uma certa manhãzinha, o «Sultão» não veio para casa, à hora costumada.

O dia passou e ele não apareceu! Foi um alarme na família.

Uma criada correu ruas e vielas, mas voltou descoroçada, pois ninguém lhe dava notícias do animal.

Os pequenos, com o desgosto pela falta do seu amigo, nem dormiam de noite.

Resolveram mandar, então, um anúncio para os jornais; prometendo alviçar a quem o tivesse achado e o entregasse.

Passaram três dias sem nada se saber.

A família não se conformava com o desaparecimento do animal e os pe-



disse que, numa quinta da estrada de Bemfica, tinham recolhido um cão que, pelos sinais, devia ser o do anúncio.

Os pequenos, loucos de alegria, queriam sair logo no automóvel para trazerem o animal. Mas o pai fez-lhes ver que não era razoável irem buscar o «Sultão», assim, àquelas horas da noite.

De manhã, iriam todos a Bemfica e trariam o fugitivo.

Logo, o Chico acudiu indignado: — «Fugitivo, não! O nosso «Sultão» não fugiu! Ele era muito nosso amigo! Podia lá passar sem nós! Se não voltou, foi porque não ponde!»

Os pais riram-se do calor com que o pequeno defendia o cão e todos decidiram ir deitar-se, para mais cedo acordarem.

Assim foi.

Na manhã seguinte, aprontaram-se

quenos, tristíssimos, perderam a vontade de brincar, choramingando pelos cantos com saudades do bom «Sultão».

Na noite do terceiro dia, já tarde, a campainha do telefone tocou.

A Izabel, a mais velha dos três, correu sobressaltada.

Uma voz de homem, um pouco abrutada, perguntou se era certo ali morar o doutor fulano, nome do dono da casa. A resposta afirmativa da pequena,



D. PERÚ, SENHOR VAIDOSO

por ALBERTO NEVES

*Tac-tec,
Gru-gru-gru,
Com seu leque,
D. Perú,
D. Perú bonacheirão,
Ia todo toleirão...
Eis que se viu perseguido
Por um cão
Muito atrevido.*

Foi na vés'ra do Natal.
D. Perú até corou,
E assim logo murmurou:
— «D. Cão, não me faça mal,
Deixe-me, ao menos, gozar
As delícias do Natal!»

— «Não, Perú, não deixo tal!»

Respondou D. Cão, tossindo;
E ao mesmo tempo, sorrindo,
Deita as mãos a D. Perú,
Que é como quem diz os dentes...
D. Perú até perdeu
A sua altiva elegância!

— «Senhor D. Cão, por favor
Não me mate, não me mate!»
— Implorava D. Perú...

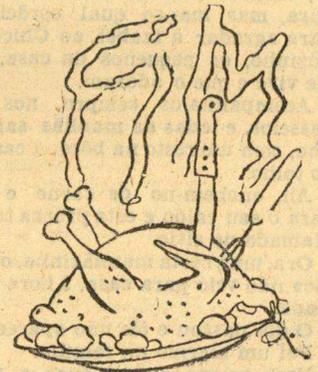
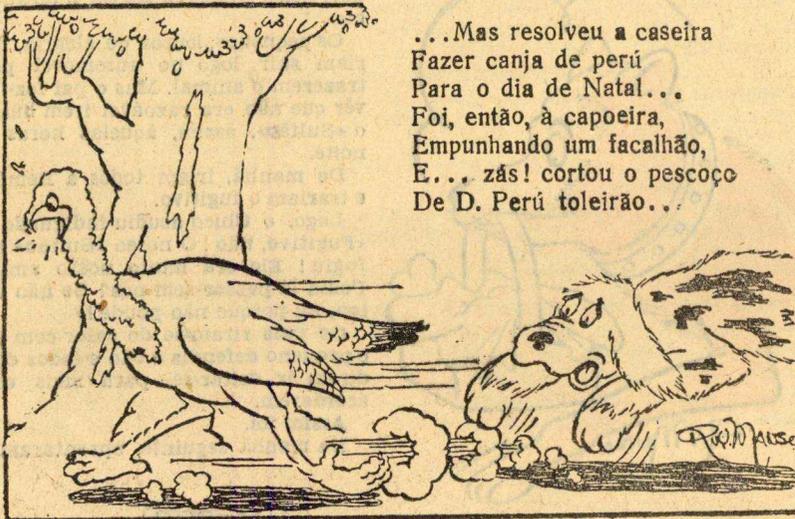
E tantas lamúrias fez
Que o D. Cão,
Que possuía, talvez,
Razoável coração,
Teve dêle compaixão
E solta-o, dizendo assim:
— «Pronto; estás livre de mim!»

... Mas resolveu a caseira
Fazer canja de Perú
Para o dia de Natal...
Foi, então, à capoeira,
Empunhando um facalhão,
E... zás! cortou o pescoço
De D. Perú toleirão...



O pobre, escapando ao cão,
Não escapou à caseira!

.....
Ora, após isto narrado,
É caso p'ra se dizer
Aquêl velho ditado:
*Guardado está o bocado
P'ra quem o há-de comer!*



cedinho e, cheios de ansiedade, meteram-se no automóvel que só parou na tal quinta. Veio abrir o portão um homenzinho.

Fê-los entrar, dizendo: — «O cão está preso lá ao fundo da quinta. Tinhamos aí umas grades que lhe pusemos à roda.

Não fosse êle soltar-se e morder mais alguém! Aquilo é uma fera!»

Assombrados com estas palavras, todos exclamaram à uma: — «O nosso «Sultão», uma fera! O bicho mais manso do mundo! Tão bom! Tão meigo! Ora não há! Isso pode lá ser!»

E já desconfiavam que não fosse o desaparecido «Sultão» que iam encontrar ali.

Os pequenos desataram a correr para se certificar e o caseiro gritou-lhes: — «Tomem cuidado! Não se cheguem ao animal! Morde que tem diabo!»

E mostrava o pulso que tinha entrapado, explicando: — «Aqui, ferrou-me êle uma dentada com uma tal fúria!... Mordeu, também, o meu filho, numa perna! Até está côxo o rapaz! E' de respeito!... Para mim, não me serve!»

O pai dos pequenos, interrogou-o, curioso, enquanto iam andando: — «Mas como veio aqui parar êsse cão?»

— «Foi há três dias. Ouvi aí na rua uma gritaria de garotos e um barulho que me fez espécie.

Vim vêr o que era e dei com uma data de rapazes à roda dum cão. Tinha-lhe atado ao rabo uma lata que êle arrastava e queria arrancar, dando voltas e mais voltas. Ralhei com aquela malta.

Um dos do rancho, chegou-se a mim e perguntou-me: — «Talvez vocemecê queira o animal. Dê-nos alguma cousa, que lho deixamos para guarda aí da

quinta. E é que vinha mesmo a propósito a proposta... A semana passada o nosso cachorro tinha morrido. Então, ofereci dez escudos. Os rapazes ficaram, assim, a modos a pensar e vai aceitaram.»

— «Pois olhe que não fizeram um negócio da China! Se fôr o meu, é um belo cão de raça!» redarguiu o doutor.

— «Não se vá sem resposta! Também eu julguei assim! Mas qual!... O dianho do bicho só pensa em morder e, demais a mais, não come!»

— «Não come?!»

— «Desde que cá está, ainda não lhe entrou nada no bucho! Estava eu ontem aí numa mercearia a queixar-me disto mesmo. O caixeiro ouviu-me e disse à queima roupa: — «Esse cão não será o que procuram aqui neste

(Continua na pág. 7)

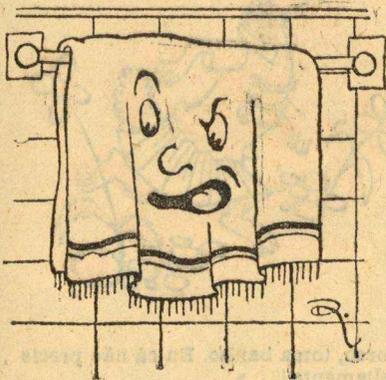
A TOALHA INVEJOSA E O PANO REMENDADO

Por DAVID DE ALMEIDA PINTO

UMA arrendada toalha,
Dum bom feltro assetinado,
Com um pano muito ralha,
E maltrata o desgraçado.

Sempre que ralha profere,
Contra o pano enrodilhado:
— O' farrapo, quem te quiere,
Assim, já tão remendado?

Nada vales, como vês,
Pois tens pouca serventia;



És lavado mês a mês
E eu me lavo dia a dia!

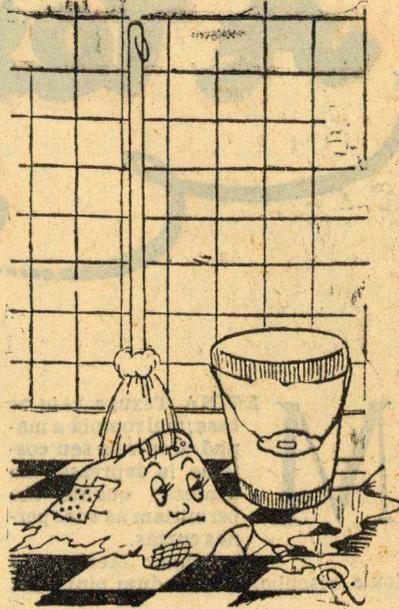
És um pano porcalhão,
Que só anda nicho em nicho...
Serve p'ra limpar o chão
E para apanhar o lixo.

Eu, então, com muito gosto,
Assim tão limpinha e branca,
Enxugo as faces do rôsto
Desta gente humilde e franca!

O meu feltro, puro e são,
'Té já limpou generais...
...Do que tu, meu sebtão,
Valho muitíssimo mais!

Chegára, porém, o dia
Dela sêr posta a secar,
Mas a forte ventania
Da janela a foi tirar...

E então ela, enrodilhada,
Perdendo a vaidade sua,
Cai no chão tôda molhada,
Nas sujas pedras da rua.



Logo em seguida, o rodado
Dum pesado caminhão,
A transforma num bocado
De pano sujo no chão...

Daqui só concluiremos,
Sem hesitar um segundo:
— *Desdenhar nunca devemos*
De quem é pobre no Mundo.

Fim

GALERIA DE HONRA

GININHA

Gininha, na intimidade
chamam a esta menina
que ao nascer teve por sina
alcançar celebridade.

A sua menoridade,
mesmo assim tão pequenina,
atinge a maioridade
quando o seu génio a ilumina!

Mal põe as mãos num teclado,
entregue ao divino arranjo
de algum motivo inspirado,

dir-se-ia que rompe a Treva,
toma a figura dum Anjo
e ao Paraíso nos leva

A. de S. R.



O «Pim-Pam-Pum» tem o prazer de apresentar, hoje, aos seus pequeninos leitores a menina Maria Regina Quintanilha de Vasconcelos que, a-pesar-de ter apenas oito anos de idade, é já considerada uma extraordinária vocação musical, tendo dado, recentemente, no Rio de Janeiro, um concerto, em cujo programa figuraram trechos dos mais notáveis autores e algumas composições suas, que maravilharam a crítica e o público.

A Texuga quis ser magra



Por LEONOR DE CAMPOS

MENINA Texuga saiu de casa, malrompia a manhã. Contra o seu costume, ia depressa, tão depressa quanto lho permitiam as suas pernas curtas.

Senhor Melro saudou-a, risonho, do alto dum pinheiro:

— «Tenha lá muito bom dia, Ó menina Texuguinha! Cada vez mais barriguda!... Cada vez mais gorduchinha!...»

Ela fingiu não ouvir e continuou o seu caminho;

Mais adiante saiu-lhe ao encontro a senhora formiga:

— «Oh! Hoje madruga, menina Texuga!... Está bem anafada!... Está bem alentada!...»

Menina Texuga voltou-lhe as costas, de mau humor e seguiu.

Ao chegar junto da toca de dona Toupeira, parou e bateu à porta:

— «Truz! Truz! Truz!»

Logo se ouviu, dentro, a voz da dona da casa, a resmungar:

— «Quem será a esta hora? Esta bicharada não me larga!... Quem é?»

E, dizendo isto, entreabriu a porta.

— «Sou eu» — disse, timidamente, a visitante.

— «Já sei. És a Texuga!...»

Menina Texuga abriu a boca, de admiração.

— «Então, Vossa bicheza é cega e conhece-me?»

— «Cega, cega não sou. Sou muito míope. Mas não precisei vê-te para saber quem eras. Conheci-te pelo cheiro. Olha cá: Porque cheiras tu tão mal?»

Menina Texuga corou e a gaguejar respondeu:

— «É que... deve ser, talvez, doença... Eu até já me lembrei de pedir ao almiscareiro para me vender um pouco de almiscar... Mas... dizem que o almiscareiro é careiro...»

— «Minha rica, para se não cheirar mal há um ótimo remédio: tomar banho. Tu já alguma vez experimentaste?»

— «Não, senhora — retorquiu a Texuga abespinhada. — Olha que ideia!... En-

tão eu havia de tomar banho? Quem julga Vossa bicheza que eu sou? Alguma porca? Só aquele que é muito



porco, toma banho. Eu cá não precis, felizmente!...»

— «Bem, bem... Faze lá o que quiseres mas dize depressa o que te trouxe...»

— «Venho consultá-la, senhora Toupeira. Tenho grande desgosto em ser tão gorda. Não há bicho que, ao passar por mim, se não ria e me não chame gorducha... Estou farta, sabe? Quero emagrecer... Disseram-me que Vossa bicheza é entendida em remédios e mézinhas. Pode ajudar-me a emagrecer?»

Senhora Toupeira torceu o nariz:

— «Mas tu não vais ficar bem... Não tens feitio para magra!...»

— «Deixá-lo. Quero ser magra, para andar na moda. Já não se usa ser gorda...»

— «Olha que tu arrependes-te!...»

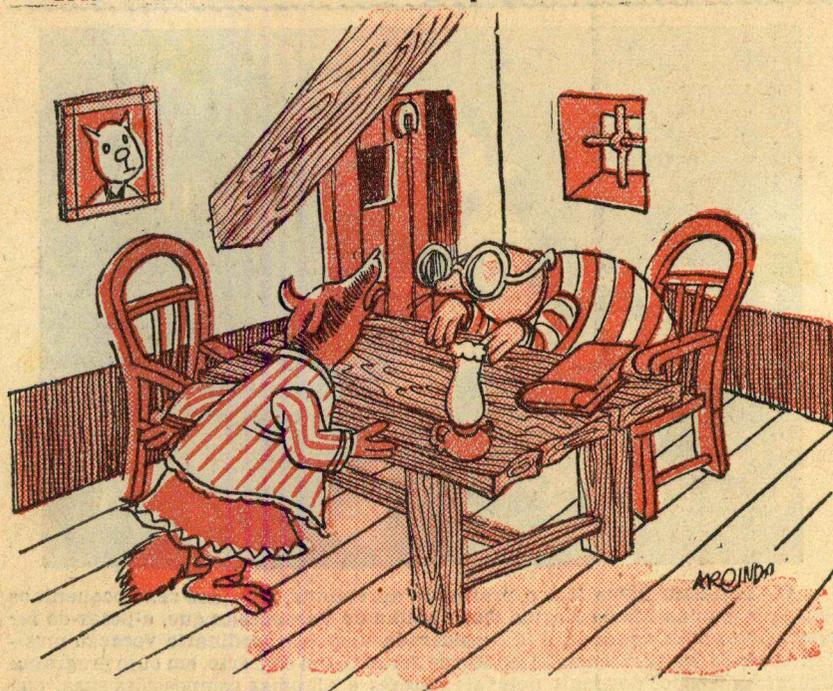
— «Isso é comigo!... Diga Vossa bicheza o que hei-de fazer, que eu cumprirei à risca os seus conselhos.»

Em vista da teimosia da Texuga, senhora Toupeira cedeu. Foi consultar os seus cartapácios... Fez a receita e recebeu a paga da consulta.

E a menina Texuga, nesse mesmo dia, começou a fazer o tratamento.

O remédio dava um resultado assombroso. Um mês depois, a menina Texuga

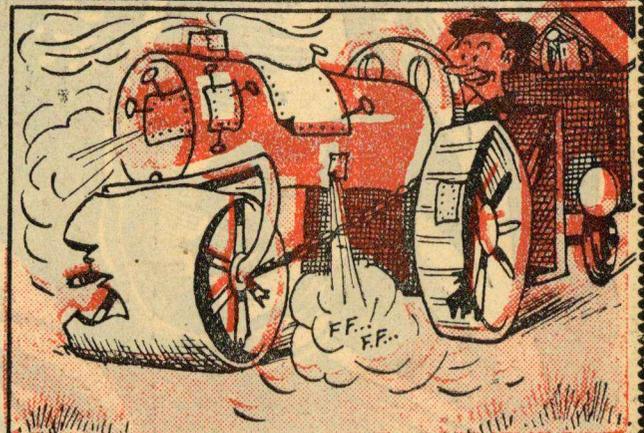
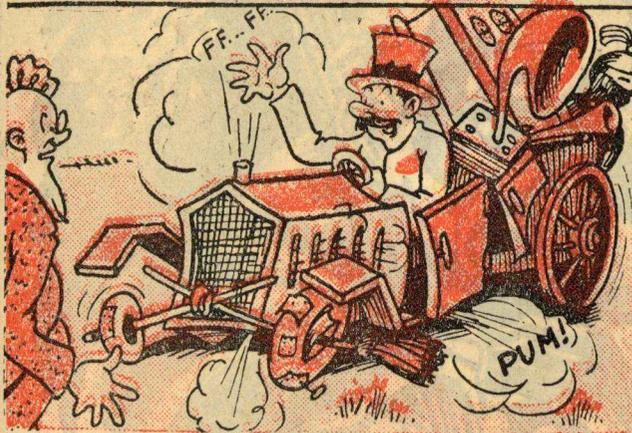
(Continua na página 7)



VIAGEM AOS PLANETAS

(Continuado do penúltimo número)

A CONSTRUÇÃO DA BALA

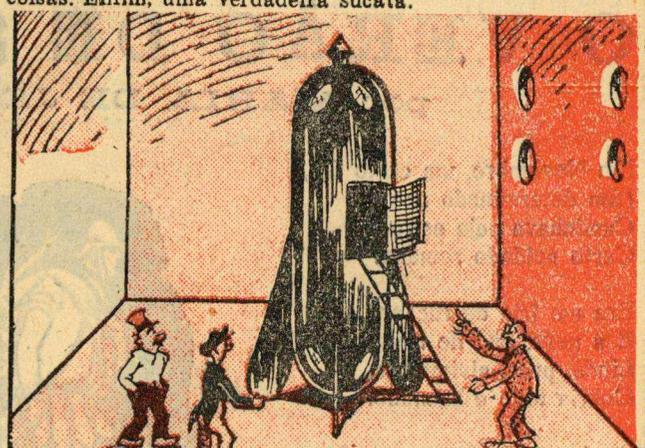
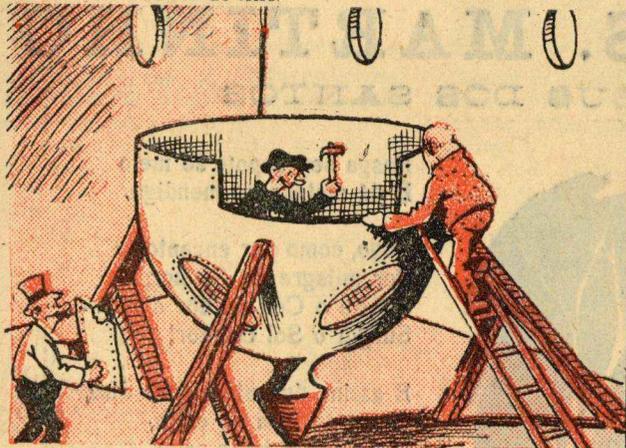


Na verdade, muito espantado ficou o sábio quando, horas depois, viu aparecer os dois vândios com os prometidos materiais de construção.

Tratava-se de toda a casta de objectos achados certamente em caixotes de lixo.

«Passa-Fome» guiava um automóvel que devia ter pertencido, talvez, a algum antepassado.

«Papa-Tudo» trazia, rebocado por um cilindro a vapor, um velho vagão de ferro, carregado das mais variadas coisas. Enfim, uma verdadeira sucata.



A-pesar-de, como vemos, o material ser de qualidade tão ordinária, o Dr. Sabão, ajudado pelos dois amigos e pela sua grande habilidade, deitou mãos à obra e, dias depois, a bala inter-planetária encontrava-se concluída.

A forma como ela se moveria no espaço, era uma original invenção do nosso sábio. Munida de dois espigões,

um na parte inferior, tinha por fim anular a atracção terrestre e outro na parte superior, para receber toda a atracção do astro para onde estivesse dirigido.

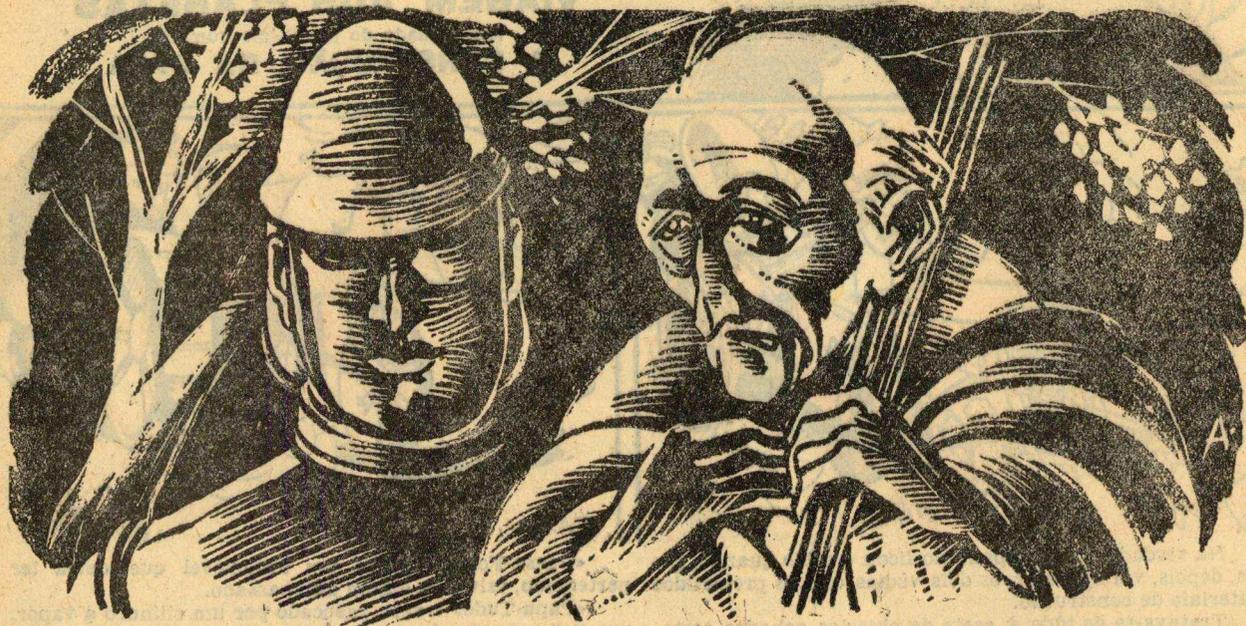
Essa atracção, aumentada pelos aparelhos do sábio, fazia girar a bola no espaço com velocidade vertiginosa. Depois de ter explicado isto tudo aos dois vândios, o



sábio combinou com eles que visitariam, em primeiro lugar, a Lua, satélite da terra, por ser o astro que mais próximo ficava desta, uns 380.000 quilómetros.

Trataram, então, de fornecer o aparelho de todos os mantimentos necessários para uma viagem de alguns meses, e prepararam-se para a partida.

Continua



O VERÃO DE S. MARTINHO

por MARIA DE JESUS DOS SANTOS

Em Novembro, um certo dia,
(Em determinado ano)
Caminhava pela estrada
Certo soldado romano.

Era um frio de rachar!...
E a neve, mui de mansinho,
Linda, pura, alvinhenta,
Cobria todo o caminho.

Ao longe, um pobre ancião,
Andrajoso, a tiritar,
Vergado ao peso dos anos,
Mal se podia arrastar.

Nisto, o soldado romano,
(Que se chamava Martinho)
D'alma e coração ardente
Passa junto ao pobrezinho.

— «Senhor!... tende compaixão!...
(Diz-lhe o pobrinho de Cristo)
Sem agasalho, sem pão,
Certamente não resisto...»



Martinho, então, condoído,
Olhando o céu pardacento,
A Jesus, numa oração,
Eleva seu pensamento.

E sem pensar que esta acção
Lhe valeria um castigo,

Rasga seu capote ao meio
E dá metade ao mendigo.

Logo, como por encanto,
Por milagre do Senhor,
Fez-se o Céu da cor d'ani...
Surgiu o Sol criador!

E assim, durante alguns dias,
Como se fôra no estio,
Fez tanto e tanto calor...
Não houve pobre com frio.

Desde então, há dias lindos,
Cheios de sol, um encanto,
Durante o mês de Novembro,
Em honra do grande Santo.

* * *

*Que em teu coração, criança,
Haja sempre caridade,
Virtude miraculosa,
Que nos traz felicidade!*

A HONESTIDADE e o TRABALHO

por ALBERTO NEVES

Certo cabeleireiro, desempregado, fôra chamado por uma abastada família para, em determinado dia, lá ir a casa cortar o cabelo aos pequenos. Porém, quando nesse dia lá chegou, os pais dos meninos, por esquecimento, no dia anterior àquêle, já tinham man-

dato chamar outro cabeleireiro, que foi e prestou os serviços necessários.

Ficou desapontado o nosso homem ao verificar que lhe fugira tão bela oportunidade para ganhar alguma coisa. Todavia, compadecida, essa família pediu muita desculpa de se ter

esquecido dêle, e deu-lhe, à mesma, o dinheiro que lhe havia de ser dado em paga do trabalho que lá deveria fazer. Não hesitou o cabeleireiro em guardar o dinheiro, e, todo contente, agradeceu. Mas, de regresso a casa, caiu em si e pensou: — Ná!... Afinal êste dinheiro, que acabo de receber, não me será útil, talvez, visto que não foi ganho à custa do meu trabalho!». E resolveu voltar a casa do freguês, a-

O FASTIO DA SAÚDE A HONESTIDADE E O TRABALHO

(Continuação da página 2)

anúncio? Leu-me, então, o que o senhor mandou pôr no jornal. Eu fiquei a pensar no caso... Já se vê, como ofereciam gorjeta, convinha-me... Falei, á noite, pelo telefone...

Nessa ocasião, ouviram grande barulheira da pequenada.

Apressaram o passo e fôram dar

doutor, também radiante. E, dirigindo-se ao caseiro, disse-lhe: — «Traga um tacho com comida.»

O homem fez o que lhe pediam. Puseram as sopas em frente do «Sultão».

O animal, cheio de sofreguidão, atirou-se a elas e comeu, até que o tacho ficou vazio.

(Continuação da página 6)

-fim-de devolver-lhe o dinheiro. Ao vêr que o seu nobre acto causara espanto no ânimo daquela família, que tão bondosamente o recompensara, o digno homem fez, então, a seguinte observação: — «Não devo aceitar êste dinheiro, porque não me pertence e não me serviria de proveito, visto que não foi ganho por mim, visto que não é produto do meu trabalho». E, sem esperar qualquer resposta, fez uma reverência e retirou-se.

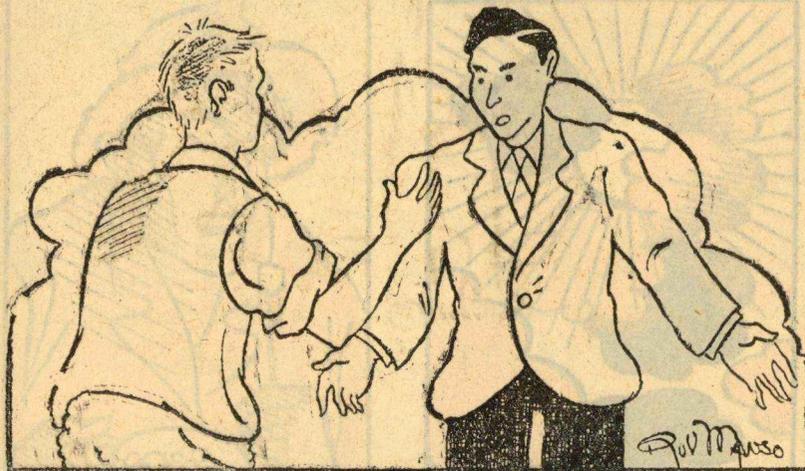
O dinheiro que mais rende, é aquele que o nosso esforço produziu.

F i m

seu antigo lugar, à frente do carro, ao lado do dono.

O que êle nunca soube explicar e a família tanto gostaria de saber, foi a forma como conseguiram levá-lo para tão longe, mas o Chico teima sempre na sua: — «A bem não foi êle! O «Sultão» não nos abandonava, sabendo como eramos seus amigos e êle de nós! Se até teve «o fastio da saudade» como muito bem disse o caseiro!»

F i m



com os pequenos, já dentro da grade, agarrados ao «Sultão», porque era êle, efectivamente.

Todos choravam e riam de alegria, enquanto o animal, aos saltos, lhes lambia as caras, ladrando, de contentamento.

— «E êle, o meu cão! — exclamou o

Todos o rodeavam, admirados, e o caseiro comentou, num pasmo: — «O que êle tinha, afinal, era o fastio da saudade!»

Já, num galope, o «Sultão» corria por ali abaixo.

Quando os pequenos chegaram ao portão, encontraram-no sentado no

A TEXUGA QUIS SER MAGRA

(Continuação da página 4)

estava tão magra que os outros bichos com dificuldade a reconheciam

Quando ela passava, muito vaidosa da sua elegância, todos riam à socapa.

— «Mas que bicha tão esbelta!» — dizia-lhe, a rir, o vizinho Melro.

Ela acreditava, sem reparar nos seus olhares trocistas e no irónico assobio com que o maroto sublinhava os elogios.

Chegou um dia em que ela reconheceu que era arriscado emagrecer mais. Perigava a sua vida. Também não era preciso. Sentia-se já tão gentil, tão vaporosa que, decerto, podia aspirar à mão do rei dos bichos.

Adornou-se, enfeitou-se e foi procurar El-Rei Leão.

Mas, apenas se acercou dêle, o rei soltou um enorme rugido:

— «Não te chegues, magricela!...

Tu tens, decerto, mazela!...

Menina Texuguinha ainda tentou explicar que a magreza era resultante do regime especial que seguia. Mas

o rei não quis ouvi-la. Desdenhoso e superior, voltou costas e resmungou:

— «Está nojenta a fedorenta!...»

O coração amargurado, a soluçar, menina Texuga foi ter de novo com a senhora Toupeira. Contou-lhe o sucedido.

A vêlhota levantou os óculos para a testa, meneou a cabeça e, por fim, exclamou:

— «Eu não te dizia que havias de te arrepender? Eras gorda e ficava-te bem a gordura, porque era o teu natural. Para andares na moda quiseste emagrecer, contra os meus conselhos. Agora agüenta-te. Se queres voltar à tua antiga forma, deixa de fazer o tratamento. Serás de novo apreciada pelos bichos da tua raça. E outro conselho ainda: Não tornes a aspirar à mão dum rei. O rei está muito alto para ti.

Contenta-te com um texugo, que é o que te compete...»

— «Tem razão, senhora Toupeira. Perdi a cabeça... Fui uma idiota!...»

— «Bem, bem. E agora vai-te embora, que tenho muito que fazer. E não esqueças:

«Jamais gorduchinha alcançou magreza, senão só à custa, da sua beleza!...»

Sim

OS NOSSOS CONCURSOS

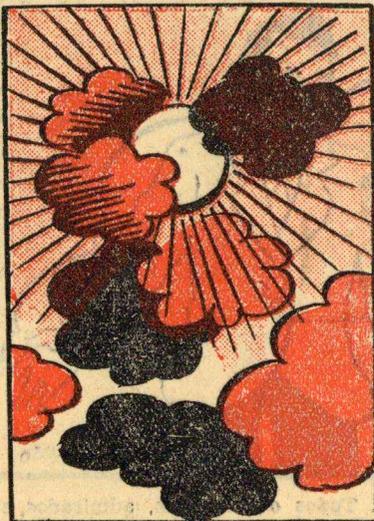
ENCONTRAI RIMAS e FIXAI CONCEITOS

Por JOSINO AMADO



Dá saúde, dá viveza,
Diz-nos a frugalidade,
Levantarmo-nos da m...
C'um pouquinho de vont...!

Por isso todos sejamos
Parcos, sóbrios e frugais,
P'ra mostrar que respeit...
O sangue dos lusos p...!



Verdade do Sol é luz,
Pode uma nuvem cobri-la,
Porém ela, em breve, à fl...
Volta a rebrilhar trançú...!

Que sob a concha tão bela
Dêste céu de Portugal,
Verdade, rútila estré...
Seja dos lusos fan...!



Quem da preguiça é criado,
Virá a morrer de fome,
Porque lá diz o dit...:
«Quem não trabalha não c...!»

De preguiçosos, madraços,
Não devemos pena ter,
Porque quem cruzar os br....
Não tem direito a viv...!

ANEDOTA

por MARIA de JESUS dos SANTOS



Firmino, ao vê o compadre
Amigo Pantaleão
Comer sempre muito arroz,
Diz-lhe com ar maganão:

— «Ó compadre, isso, afinal,
Não lhe dá grande proveito!
Vai-lhe todo para as pernas
E não lhe faz nada ao peito.»

Ao que o outro retorquiui:
— «Por aqui não há *axar!*...
Aperto bem as *xiroulas*,
E não o deixo *paxar.*»